

SECULARIZAÇÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL: PLURALISMO RELIGIOSO, MISTICISMO OU NEGAÇÃO DA MORTE?

Thiago Nicolau de Araújo *

Resumo

Existem diferentes maneiras das sociedades expressarem o sentimento sobre a morte, mas sempre mantendo a ideia de conservar a memória do morto pela imagem, numa tentativa de manter viva sua identidade. A partir da década de 1970, especialmente nos grandes centros urbanos, percebemos que a morte vem sendo tratada como um problema que interfere na rotina do cidadão, demandando de tempo e recursos que muitas vezes “atrapalham” a correria cotidiana. Dessa forma, o cemitério expressa através dos túmulos a chamada “cegueira da morte”, pois conforme Morin: “*Fazemos de conta que a morte não existe, pois a vida cotidiana é pouco marcada pela morte*”. Assim, pretendemos analisar as lápides erigidas a partir do início dos anos 1990 no sentido de perceber de que forma o sentimento religioso se transformou à medida das transformações culturais, evidenciando os aspectos citados no título do trabalho.

Palavras-chave: Cemitérios. Simbolismo religioso. Secularização.

Abstract

There are different ways of societies expressing feeling about death, but always keeping the idea of preserving the memory of the dead by the image in an attempt to keep alive their identity. From the 1970s, especially in large urban centers, we realize that death is being treated as a problem that interferes with the routine of citizens, demanding time and resources that often "disturb" the rush of everyday life. Thus, expressed through the cemetery of tombs called "blindness of death," because as Morin: "We pretend that death does not exist, because everyday life is marked by the little death". Thus, we intend to analyze the tombstones erected from the early 1990s in order to understand how the religious sentiment has become the measure of cultural transformations, pointing out the aspects mentioned in the title.

Keywords: Cemeteries. Religious symbolism. Secularization.

Considerações Iniciais

Pensar sobre o espaço destinado aos mortos é pensar sobre as manifestações culturais da sociedade que organiza e dá significado a esse espaço. Diferente do que o pensamento comum atribui ao cemitério, delegando elementos

* Doutorando em Teologia e História na Faculdades EST. Bolsista CNPq. Orientador Dr. Wilhelm Wachholz. E-Mail: thiago@novaformacultural.com.

muitas vezes supersticiosos e sobrenaturais, estes – os cemitérios - são repletos de significados sociais, políticos, religiosos, culturais e étnicos.

Dessa forma faz-se necessário desenvolver uma hermenêutica acerca das produções e expressões contidas nos campos santos, buscando interpretar de maneira contextual os elementos simbólicos das culturas ali encontradas.

Percebemos diferentes maneiras das sociedades expressarem o sentimento sobre a morte, mas sempre mantendo a idéia de conservar a memória do morto pela imagem, numa tentativa de manter viva sua identidade. Assim como há uma necessidade de manter viva a identidade do morto, também há a necessidade de se preservar a identidade cultural de uma sociedade num determinado período de tempo.

Os cemitérios são ótimos exemplos desta necessidade de manter “viva” a identidade cultural de um determinado grupo, que expressam esta idéia de diferentes maneiras, seja através de epitáfios, estatuária, fotografia ou símbolos. Esse tipo de evidência está associado ao modo de dominação simbólica, que conforme Baczkó¹, qualquer coletividade produz um sistema simbólico que compreende os imaginários sociais, dessa forma sendo um instrumento de preservação da memória cultural.

A preservação da memória do morto fortalece a afirmação da identidade cultural, pois de acordo com Le Goff² *A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje*. Também afirma que em determinados casos, associa-se a memória do morto a aspectos da sociedade em que está inserido, em torno da memória comum.

Os cemitérios preservam a identidade no momento em que visualizamos que as diferenciações sociais são destacadas, pois os grandes monumentos são destinados aos elementos destacados dos grupos dominantes enquanto a classe média vai para as catacumbas modestamente decoradas, ou seja, em determinados períodos os cemitérios das nossas cidades refletem a estratificação social³

Conforme Geertz,

¹ BACZKO, Bronislaw. Imigração Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985 (vol.5: Antropos-homem, p. 296-332) p. 332.

² LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. P. 476.

³ BELLOMO, Harry R. (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000. P.51.

Os significados só podem ser "armazenados" através de símbolos: uma cruz, um crescente ou serpente de plumas. Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem presumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar quem está nele. Dessa forma, os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia.⁴

O símbolo artístico também é símbolo de cultura. Diferente dos símbolos religiosos que expressam a fé do indivíduo, da família e também da comunidade ali sepultados, a arte tumular muitas vezes busca exaltar através de um elemento específico o status social da família, o gosto artístico e também as origens étnicas dos membros familiares. Assim, esses elementos tumulares expressam de forma direta as transformações culturais sociais, numa determinada região, num determinado período de tempo.

Cemitérios e Cristandade

Os cemitérios, propriamente ditos só apareceram em plena Idade Média, quando se enterravam os mortos de categoria dentro das Igrejas e os pobres nos adros, tudo nos limites paroquiais. Ariès afirma que a partir do século V da era cristã o defunto era abandonado à Igreja, que deveria se encarregar dele até o dia da ressurreição, pois: “os sarcófagos de pedra muitas vezes comportavam, além dos nomes dos defuntos, seus retratos⁵. A partir deste momento a arte funerária evoluiu no sentido de uma maior personalização.

A partir do século XVIII as placas de identificação, algumas com epitáfios, se tornavam cada vez mais comuns. Philippe Ariès relaciona esse fato ao aumento da classe média, representada pelo numeroso índice de artesãos, que se empenhavam por sair do anonimato, e inclusive se preocupando em conservar sua identidade após a morte.⁶

Só a partir do século XVII é que se adotou o costume de enterrar os mortos fora dos muros da cidade em sepulcros familiares ou comuns, devido principalmente às primeiras idéias higienistas que surgiam. Toda a família rica ou remediada, possuía seu túmulo, e os monumentos se alinhavam, ordinariamente, ao longo das estradas, nos subúrbios da cidade. Eram ornados, interiormente, com motivos

⁴ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. P.94

⁵ ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 59.

⁶ ARIÈS, 2003. p. 62.

alegres, pois os mortos não poderiam se juntar aos antepassados, se tivessem pensamentos tristes⁷

Os cemitérios com a feição atualmente conhecida, fora do recinto das igrejas foi, no entanto, um produto de lenta maturação, que eclodiu no século XVIII e por dois motivos: a popularização dos temas de antiguidade greco-romana e a observância dos princípios de higiene.

No Brasil, os cemitérios fora da Igreja surgiram no início do século XIX, quando os médicos, influenciados pelas idéias higienistas européias, começam a intervir nos setores da saúde pública. Conforme elucida a historiadora Amanda Pagoto⁸:

Os corpos mortos eram considerados os principais causadores das várias epidemias que assolavam as cidades ao longo dos anos, portanto, era prioridade afastá-los do convívio dos vivos.

Tudo isso concorreu para que se generalizasse a opinião de que as igrejas não eram o lugar apropriado para manter sepulturas. Essa nova concepção determinou a construção de cemitérios ao ar livre e o mais longe possível do perímetro urbano, em todas as grandes cidades européias, nas décadas que precederam a Revolução Francesa e daí por diante.

O Cemitério Père-Lachaise, em Paris, *assistiu em 1815 à edificação da primeira capela familiar*, conforme Vovellenos elucida, *construção que procurava compensar a proibição de se enterrar os parentes próximos num mesmo canto da Igreja*⁹, como vemos tão freqüentemente nos cemitérios da capital bem como no interior e litoral do Rio Grande do Sul.

Daí a popularização dos túmulos em forma de capela, tão freqüentes em todos os cemitérios, até mesmo em nossos dias. E, em decorrência, também, da inovação, houve, como na antiguidade, a *sacralização* do morto, que passou a possuir uma aura divina, contrariando os princípios esposados sobretudo na Idade Média, que o considerava, apenas, um repositório esvaziado de seu conteúdo essencial: a alma. A sepultura do defunto começou, então, a ser visitada, para oração e evocação do morto junto a Deus e aos Santos. A própria confecção dos

⁷ VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997. p. 351.

⁸ PAGOTO, Amanda Aparecida. *Do Âmbito Sagrado da Igreja ao Cemitério Público: transformações fúnebres em São Paulo (1850 – 1860)*. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. P. 19.

⁹ VOVELLE, 1997, p. 354.

túmulos reflete a nova mentalidade, pois se até a Renascença apenas os nobres e as altas figuras eclesiásticas mereciam túmulos personalizados e com estátuas decorativas, a partir do século XIX a produção em escala industrial popularizou tal uso.



Capela Neoclássica Estilizada, com símbolo da cruz cristã e anjo da saudade. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre. Foto do Autor.

Na atualidade em todas as grandes cidades, os cemitérios ostentam túmulos que são verdadeiras obras de arte, assinadas por escultores de renome.¹⁰

Modernidade, Cemitério, Religião e a Negação da Morte

Julgamos que na sociedade atual, a construção de imponentes obras funerárias deixou de ser objeto de maiores preocupações da família. Até meados da década de 1970, túmulos requintados indicavam status social¹¹. A partir daí, a sociedade encontrou novas formas de demonstrar a riqueza, como por exemplo através da aquisição de automóveis de alto valor de mercado. Essa questão se intensificou a partir da década de 1990, período de fortes mudanças políticas, tecnológicas e culturais.

¹⁰ Como podemos observar através de pesquisas de campo realizadas nas principais capitais do Brasil, como em São Paulo, SP e Rio de Janeiro, RJ.

¹¹ BELLOMO, Harry R. *A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900 -1950)*. 1988. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988. P. 19.

Para Morin¹², quando o homem individualiza a morte passa a ter consciência de sua inevitabilidade, assim procura criar crenças e mitos que neguem a finitude da existência através da imortalidade, da ressurreição, da reencarnação, entre outras formas que eternize sua existência. Assim, para vencer a dor da perda da individualidade, se buscaria a preservação da particularidade do indivíduo. As representações simbólicas expostas nos cemitérios, então, atuariam menos no sentido de homogeneizar a morte do que de individualizar o morto, a fim de que não desaparecesse a sua personalidade.

O cemitério então assume a característica de perpetuar a identidade individual através das obras funerárias, seja uma lápide, um mausoléu, uma cruz ou qualquer outra forma perene de manter viva a memória.

Com o consumismo e a agitação do dia-a-dia, diminuiu-se a preocupação com a fabricação e manutenção de grandes túmulos, que consomem grande quantidade de tempo e dinheiro. Hoje notamos uma valorização do plano urbano dos novos cemitérios,¹³ que contém salas confortáveis, jardins, floriculturas, restaurantes, entre outras comodidades.

Podemos atribuir esta despreocupação com a produção de grandes obras funerárias como uma manifestação da chamada “cegueira da morte” nas palavras de Morin: *“Fazemos de conta que a morte não existe, pois a vida cotidiana é pouco marcada pela morte”*¹⁴. A não ser, é claro, quando assistimos o telejornal noturno.

Numa sociedade do *rápido e descartável*, desprender tempo e dinheiro em algo que não seja voltado para o prazer, muito pelo contrário, é algo que deva ser evitado e quando não possível, amenizado ao máximo. Dessa forma, os rituais e manifestações ligadas à morte nem sempre são tão importantes. O luto, e especialmente vestir-se de preto, passou a rarear, e assim configura-se uma fuga de uma maior reflexão individual sobre o tema. Para Bauman e seu livro *Mal Estar na Pós-Modernidade* a morte é algo que deve ser isolado:

Uma é a estratégia de esconder de vista a morte daqueles próximos à própria pessoa e expulsá-la da memória; colocar os doentes terminais aos cuidados de profissionais; confiar os velhos em guetos geriátricos muito antes de eles serem confiados ao cemitério, esse protótipo de todos os

¹² MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 44.

¹³ Em contrapartida, alguns cemitérios antigos estão sendo demolidos e tendo suas obras retiradas para construção de estacionamentos, crematórios, entre outros, como acontece com o Cemitério São José II, em Porto Alegre.

¹⁴ MORIN, 1997, p. 46.

guetos; transferir funerais para longe de locais públicos; moderar a demonstração pública de luto e pesar; explicar psicologicamente os sofrimentos da perda como casos de terapia e problemas de personalidade. De outro lado, porém, como recentemente nos lembrou Georges Balandier, a morte se banaliza para a proliferação de imagens.¹⁵

Os cemitérios, portanto, passam por uma *revisitação estrutural*, na qual até mesmo as expressões religiosas dos cemitérios dos grandes centros urbanos, antes diretamente ligadas às confissões religiosas passam a adquirir elementos que demonstram uma bricolagem religiosa, incluindo dessa forma elementos de diversas religiões e até mesmo profanos¹⁶.

O cemitério da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre é um bom exemplo. Erguido na metade do século XIX visando seguir os novos preceitos sanitaristas, apresenta na sua ala mais antiga toda uma estrutura simbólica funerária ligada ao catolicismo dominante na sociedade da época. A própria estrutura arquitetônica dessa parte do cemitério demonstra isso, uma vez que a parte inicial é destinada aos indivíduos mais destacados e abastados da sociedade e exemplos de uma cristandade católica (figura 1 e 2).



Figura 1 – Cemitério da Santa Casa –visão panorâmica do corredor principal

¹⁵ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998. p. 198.

¹⁶ Outra manifestação dessa negação da morte ou do sentimento da morte é a criação de *Cemitérios Parques*. Estes possuem como característica principal a organização arquitetônica do espaço tumular de forma padronizada, privilegiando o aspecto paisagístico, estruturado como um parque. Não há nenhuma demonstração de luto e de finitude de existência. O assunto será tratado em outro artigo.



Figura 2 – Cemitério da Santa Casa – Alegoria Cristã da Esperança e a cruz.

Essa produção artística cristã diminuiu consideravelmente a partir da década de 1970, período o qual percebemos que novos anseios da sociedade dos “vivos” tomam forma inclusive na distribuição tumular.

A procura por conjuntos tumulares verticais, ou na sua forma popular *gavetas*, aumentou consideravelmente, as quais possuem um caráter prático devido à falta de espaço nas grandes cidades, bem como a uma procura pela higienização dos locais de enterramentos, uma vez que quase não há a necessidade de manutenção da túmulo, bem como não há *isolamento* do morto, pois se insere num espaço dividido com dezenas ou centenas de *vizinhos* nas catacumbas próximas. A questão financeira também deve ser considerada, uma vez que nesse formato de enterramento os custos tanto de aquisição como de manutenção são mais baixos do que os túmulos direto no chão (figura 3)



Figura 3 – Cemitério da Santa Casa

Os Cemitérios como espaços simbólicos e culturais que fazem parte das diversas sociedades em que estão inseridos, passam a ser usados como lugares de construção de memória, poder e status. Será nestes espaços que artes e artistas irão imprimir uma nova maneira de cultuar os mortos e de produzir uma nova mentalidade naquilo que diz respeito aos fins últimos do homem¹⁷.

São espaços comunitários, porém em seu interior são remarcadas as diferenças sociais determinadas pelo status econômico e outras categorias relacionadas com questões de nascimento, ilustração e riqueza: famílias são distinguidas, eclesiásticos, políticos, comerciantes e os pobres.

As crenças religiosas são fatores determinantes para as representações de fé nos cemitérios, que na sua origem moderna estiveram ligados à comunidades religiosas e a um Estado que em sua maioria populacional revela-se católico. Porém, a partir da década de 1990, assim como a sociedade mostrou-se mais aberta às diversas denominações religiosas, os campos santos também revelaram diversas formas de expressões religiosas, não mais focadas somente num cristianismo católico, mas também nas diversas denominações cristãs e não cristãs, mesmo em cemitérios mantidos por congregações religiosas específicas. Percebemos que a lógica de mercado, na venda do terreno ou da catacumba, se sobrepõe aos interesses religiosos. Muitas vezes um mesmo túmulo apresenta diversas concepções religiosas, como o exemplo abaixo (figura 4 e 5), no qual verificamos indicações de santos devocionais católicos, mensagens espíritas inscritas na porta e nas lápides, amuletos de religiões afro-brasileiras entre outros elementos místicos.

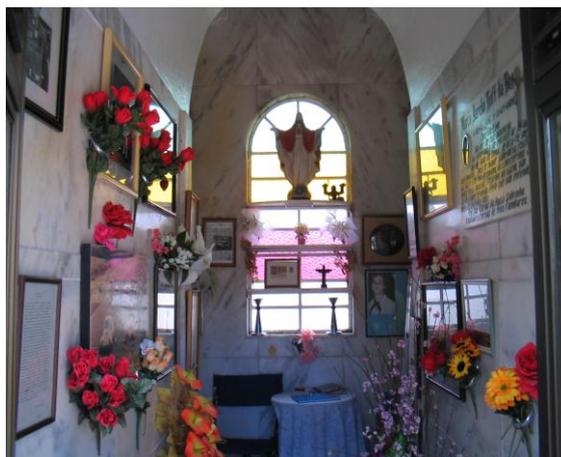


Figura 4 e 5 – Cemitério da Santa Casa

¹⁷ ALMEIDA, Marcelina das Graças de. *Arte, Cultura, Memória* – Uma leitura sobre o Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim de Belo Horizonte. Abec. 2004. p. 1.

Para finalizar, ressaltamos também que o sentido da alegoria transcende o simples significado de seus elementos e ao estudarmos as obras funerárias e seu contexto, constatamos que a afirmação da fé é uma constante nos túmulos analisados no espaço temporal delimitado pelo projeto. Essa fé pode ser representada através de suntuosos monumentos devido ao grande crescimento econômico que o Estado do Rio Grande do Sul passava no período. Neste sentido, o cemitério passa a ser indicativo do processo econômico, e desse modo, dos padrões de vida de determinadas classes sociais.

Os cemitérios preservam as identidades culturais de uma região através das expressões simbólicas contidas nos túmulos, que evidenciam aspectos da sociedade em que estão inseridos, como as manifestações da fé (estatuária cristã, crucifixos), através das influências artísticas (elementos do neoclássico e do romantismo).

Os diferentes simbolismos encontrados nos túmulos reforçam a idéia de afirmação de identidades, pois indicam a necessidade de pertencimento social, já que as expressões funerárias nos revelam aspectos culturais nos quais a sociedade estava inserida, através da representação de elementos ligados a fé e ao gosto artístico.

Quando as coisas perdem seu caráter simbólico, a realidade torna-se trivial e o fastio apodera-se dos espíritos. A incapacidade do homem para compreensão simbólica pode estar vinculada ao envelhecimento de muitos símbolos tradicionais, pois os símbolos estão ligados à vida da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. *Arte, Cultura, Memória – Uma leitura sobre o Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim de Belo Horizonte*. Abec. 2004.

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. *Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ARIES, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BACZKO, Bronislaw. Imigração Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985 (vol.5: Antropos-homem, p. 296-332)

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998

BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido Oculto dos Ritos Funerários: morrer é morrer?* São Paulo: Paulus, 1996.

BELLOMO, Harry R. (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

BELLOMO, Harry R. *A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900 -1950)*. 1988. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LEXICON HERDER. *Dicionário de Símbolos*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. P. 44.

PAGOTO, Amanda Aparecida. *Do Âmbito Sagrado da Igreja ao Cemitério Público: transformações fúnebres em São Paulo (1850 – 1860)*. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. P. 19.

VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.

ZILLES, Urbano. *A Significação dos Símbolos Cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.